

A CONQUISTA DOS DOIS PRIMEIROS MUNDIAIS

A evolução do futebol

Após as derrotas em 1950 e 1954, e a contestação do futebol nacional, os brasileiros conquistam o bicampeonato mundial, em 1958 e 1962, consagrando, com títulos, o melhor futebol do mundo

parte 2

Juca Simonard

A decepção de 1954

Após o desastre do ‘Maracanazo’, a Copa seguinte, em 1954, foi disputada na Suíça. O Brasil chegou com uma nova geração de craques. Dentre eles, jogadores que estão entre os melhores da história do futebol e que mais tarde conquistariam o bicampeonato mundial, como Nilton Santos, Didi e Djalma Santos. O goleiro titular de 1954, Castilho, também conquistaria o bicampeonato, como reserva do titular, Gilmar. Além disso, compunham o escrete nacional Julinho Botelho, Pinga e Brandãozinho, que, ao lado de Djalma, haviam conquistado o Torneio Rio-São Paulo de 1952 pela Portuguesa paulista; afora Rodrigues, Bauer e Baltazar. O jornalista Mário Moraes, no seu livro “Futebol é arte”, afirma que a Seleção foi para a Suíça “quase totalmente renovada”, pois “Castilho, Nilton Santos, Bauer, Eli, Baltazar e Rodrigues estavam na lista dos 22 do Mundial de 50, mas apenas Bauer jogara, os outros ficando na reserva” (*Futebol é Arte*, Mario Moraes, 2002). A Seleção era treinada por Zezé Moreira, criador da tática “marcação por zona”.

Foi a primeira Copa que o Brasil disputou com as cores verde e amarela. O azul e o branco, que a Seleção usava, foram abandonados, acreditando-se que davam “má sorte” após a tragédia de 1950. Como Geneton Moraes Neto, em seu “*Dossiê 50*”, destaca: “o trauma de 50 mudou até o uniforme da Seleção. O azul-e-branco deu lugar, já na Copa seguinte [1954], à camisa amarela, hoje marca registrada do futebol brasileiro em qualquer lugar do planeta” (*Dossiê 50*, Geneton Moraes Neto, 2013). Surgia a Seleção Canarinho.

O Brasil novamente tinha um escrete de alto nível. No entanto, a Seleção estava desacreditada pela imprensa e pelos torcedores. Mesmo assim, nas eliminatórias para a Copa, o Brasil passou por Paraguai e Chile, com quatro jogos e quatro vitórias, mostrando a força do selecionado nacional.

Na fase de grupos, os brasileiros golearam por 5 a 0 a seleção do México. Depois, empataram, por 1 a 1, com a Iugoslávia. Os resultados classificaram o Brasil para as quartas-de-final. A Seleção Brasileira enfrentaria a Hungria, o melhor elenco da história do país europeu e um dos melhores de todos os tempos. O time húngaro era composto por grandes jogadores, como Ferenc Puskás e Sándor Kocsis, e havia marcado 17 gols nos seus dois jogos (9 a 0 contra a Coreia do Sul e 8 a 3 contra a Alemanha Ocidental).

Antes do jogo, a pressão sobre o selecionado brasileiro foi intensa. Novamente, como ocorreu em copas passadas, a politicagem e a imprensa entraram em cena para coagir os jogadores brasileiros. O locutor Geraldo José de Almeida, em um dos muitos discursos que os jogadores tiveram de ouvir antes do jogo, disse cheio de emoção: “Craques do Brasil, vamos vingar hoje nossos mortos de Pistóia”. Em sua autobiografia, Nilton Santos conta que “até aquele momento, achávamos que estávamos ali para disputar uma Copa do Mundo, não sabíamos que íamos para a guerra. Até porque a arma que tínhamos eram nossos pés e a bola, não tínhamos fuzis. Na entrada do

túnel, pasmem, tivemos de beijar a Bandeira Nacional. Quem não fizesse, seria estigmatizado pelo grupo, era comunista” (*Minha Bola, Minha Vida*, Nilton Santos, 1998). Vale lembrar que, antes de viajar para a Suíça, a delegação brasileira se encontrou, no Rio de Janeiro, com o presidente Getúlio Vargas, que falou: “Não esqueçam que representarão lá fora a habilidade, a força e a resistência de uma raça. Se vencerem, o Brasil será o vitorioso. Se perderem, quem perderá será o Brasil”.

A partida contra a Hungria mais pareceu uma guerra, e por isso foi batizada de “A batalha de Berna”. Uma partida muito disputada. Contou com três expulsões, mostrando o ímpeto dos atletas. O próprio Nilton, conhecido por sua tranquilidade em campo, chegou a ser expulso após agredir um jogador húngaro. Ele relatou, em seu livro, que “o time entrou nervoso, desesperado e levou quatro gols”. No placar final: Hungria 4 a 2 Brasil. Os brasileiros, com um time repleto de craques, foram novamente eliminados da Copa. Após o apito final, jogadores e dirigentes dos dois países iniciaram uma pancadaria na entrada para os vestiários.

O resultado foi uma consequência da pressão psicológica sobre os jogadores. De um lado, a direita golpista, que derrubaria o governo nacionalista de Vargas nesse mesmo ano, desacreditando a Seleção. Do outro, a pressão do varguismo para reafirmar a política nacionalista.

Não bastasse isso, os brasileiros, ao longo da competição, ainda tiveram de lidar com a incompetência inevitável dos cartolas da CBD. Segundo Nilton Santos, “essa Copa, na Suíça, foi o paraíso das compras para os dirigentes brasileiros. Ninguém se preocupava com os jogos ou jogadores, com o agravamento da chefia da delegação não conhecer sequer o regulamento da Copa”. Reforçando essa denúncia, Mario Moraes afirma que “desde logo, verificou-se que a desorganização se instalara na concentração brasileira [...] A chefia brasileira estava bem longe, em bons hotéis, fazendo compras, deixando a pedreira por conta do técnico Zezé Moreira, que cuidava de tudo, desde o material de jogo até procurar distração para os jogadores”.

Na final, os húngaros, que eram favoritos, perderam dos alemães por 3 a 2. A conquista alemã foi polêmica. A Adidas, fornecedora da seleção vitoriosa, forneceu chuteiras com cravos cambiáveis, que ajudariam os alemães a jogar na chuva. Em seu livro “Futebol Brasileiro – Do início amador à paixão nacional”, o jornalista Abrão Aspís relatou: “Na partida final da Copa, como de costume, os húngaros venciam os alemães por 2 a 0. Chovia e o campo estava embarrado. Enquanto os primeiros caíam, os alemães permaneciam eretos. Resultado: a Alemanha venceu por 3 a 2, e se sagrou campeã”. “Com a chuva, os alemães substituíam as travas baixas, por altas, e pouco sentiram o efeito do aguaceiro” (*Futebol Brasileiro – Do início amador à paixão nacional*, Abrão Aspís, 2006). Claro que a política internacional, mais uma vez, teve a sua participação nos rumos da Copa. A Alemanha, destruída pela guerra, estava desde 1948 em uma retomada perfazendo o que viria a ser conhecido como “o milagre alemão”, uma operação levada adiante pelo imperialismo norte-americano por motivos econômicos e políticos como a Guerra Fria contra a URSS e a República Democrática Alemã, para a qual a Copa era a vitrine ideal.

Ainda, Orlando Duarte, em sua “Enciclopédia dos Mundiais de Futebol”, relatou que, “sem razão justificada, alguns craques alemães, com problemas físicos, ficaram em hospitais de recuperação depois do Mundial e muita gente explorou o fato como sendo produto de ‘doping’ utilizado no Mundial. Ninguém nunca provou nada...” (Enciclopédia dos Mundiais de Futebol, Orlando Duarte, 1995). De qualquer forma, vitória da Alemanha ocidental, controlada pelo imperialismo, era conveniente politicamente.

Golpistas contra o futebol brasileiro

Aderrota brasileira em mais uma Copa foi um prato cheio para a campanha da direita golpista contra o movimento nacionalista que predominava na década de 1950. A campanha em torno das derrotas nas Copas de 1950 e 1954 desmoralizaram a seleção nacional. A expressão disso é a participação do Brasil no Torneio Sul-Americano Extra, de 1956, em que o Brasil foi goleado pelo Chile por 4 a 1.

Diante das derrotas, o escritor Nelson Rodrigues escreveu que a Seleção Brasileira precisaria de um psicólogo. “Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos [os brasileiros] imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas [...] E não era uma pena individual: — era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi nossa alma que ruiu face à Hungria, foi nossa alma que ruiu face ao Uruguai” (*Freud no futebol, Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues, 1956).

Diversas “teorias” buscavam explicar o fracasso dos brasileiros. A imprensa esportiva acusava as características brasileiras no futebol — o futebol arte, com dribles e ofensividade, um patrimônio da população mestiça e negra e da classe operária do Brasil. Uma ideia foi além. Um relatório “científico”, enviado à CBD por uma comissão de médicos e preparadores físicos, durante uma viagem da Seleção Brasileira à Europa em 1956, colocava a culpa na composição do povo brasileiro. O problema seria a miscigenação, e o negro, o principal responsável pelo progresso do futebol nacional, era acusado de ser psicologicamente fraco.

Em sua autobiografia, Nilton Santos explica: “Nunca a ciência pesquisara tão fundo para descobrir o porquê de o time brasileiro ter bons jogadores, mas não conseguir se superar em campo, não conquistar nenhum título mundial. Será que os nossos atletas eram covardes? Relatórios médicos foram feitos, sigilosamente, para a CBD. Chegaram à conclusão de que o problema brasileiro estava na alma dos jogadores, que eram muito nostálgicos, sentiam muita falta de casa, da comida, principalmente os negros, que eram emocionalmente mais instáveis. Portanto, o time tinha que ser o mais branco possível”.

“A pesquisa teria apontado uma suposta inferioridade psicológica do atleta negro: ele sentiria uma espécie de banzo quando se afastava do Brasil, ficava triste e não jogava o que sabia jogar. Por essa teoria, não conseguia suportar fortes emoções ou ter grandes responsabilidades”, diz reportagem do Observatório da Discriminação Racial do Futebol (*E os psicólogos não queriam os negros...*, Observatório da Discriminação Racial do Futebol, 2015).

Os comentaristas não estavam longe da verdade. Em inúmeras oportunidades posteriores, o mesmo problema “espiritual” manifestar-se-ia não apenas nas copas mundiais, mas em outros torneios esportivos. Apenas que o problema da “alma” teria que se explicado socialmente e não psicologicamente. O jogador brasileiro sempre foi o

brasileiro através das Copas



Craques da Seleção de 1958 também foram torpedeados pela imprensa

homem pobre, saído das favelas e da periferia, sem cultura e oprimido na sociedade burguesa e pequeno-burguesa pela sua falta de cultura. Não foi o próprio presidente Lula intimidado dessa maneira pelos homens supostamente cultos da sociedade? Dizemos supostamente porque a tal “cultura” dos homens “superiores” no Brasil não passa na esmagadora maioria das vezes de uma impostura, defendida com um documento burocrático que o diploma de universidade que tornaria o burro um verdadeiro sábio e o pobre que não teve esse privilégio, um jumento sem qualquer brilho apesar da sua inteligência manifesta, inclusive na genialidade do futebol nacional. Os jogadores tanto europeus como latino-americanos não vêm dessa mesma extração social. Diante dos brasileiros, esses jogadores estrangeiros são pessoas de classe média e que em geral percebem a debilidade social do brasileiro e sabem explorá-la. O ataque cerrado da imprensa nacional - uma constante durante toda história do futebol brasileiro - contribui para minar a autoconfiança dos jogadores talentosos e geniais. A debilidade do jogador brasileiro é a sua pesada opressão de classe. Daí que muitos talentos tenham se perdido na história do futebol brasileiro que aqueles jogadores simples, mas com maior estabilidade tenham se destacado, sendo o melhor exemplo o do maior de todos, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, filho de uma lavadeira que se tornou o rei incontestado do futebol mundial. A história da Copa mostra que apenas as equipes que contavam com jogadores experientes e, portanto, com maior equilíbrio emocional e autoconfiança foram campeãs, quando o Brasil foi o favorito em todas as copas desde 1950.

Às vésperas da Copa de 1958, disputada na Suécia, a campanha contra a Seleção Brasileira era intensa. Aspis lembra que o Brasil estava “mal feito de um Sul-Americano a que chegara como favorito e nem tivera o consolo do segundo lugar” e “sofrera para se classificar” nas eliminatórias. “Nossa seleção saiu do Brasil desacreditada”, afirma Mario Moraes. Nos jogos preparatórios para a Copa, no entanto, a Seleção jogou duas partidas contra o Paraguai, ganhando de 5 a 0, e depois empatando em 0 a 0. Nem a goleada do primeiro jogo animou.

Nelson Rodrigues relata bem o clima estimulado pela imprensa burguesa entre os torcedores brasileiros:

“Vencemos de cinco e podia ter sido de dez. Fizemos o adversário de gato e sapato. Ora, para uma primeira apresentação foi magnífico ou, mesmo, sublime. Mas quando saí do Maracanã, após o jogo, vejo por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos [...] Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não.

Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo dramatismo e toda a importância. Atribui-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passam a ser pernas-de-pau natos e hereditários”. (*O quadrípede de 28 patas, Manchete Esportiva, Nelson Rodrigues, 1958*).

“Veio o segundo jogo, no campo careca e esburacado do Pacaembu. Houve um empate que teve para o Brasil o gosto de uma semiderrota [...] Os pernas-de-pau não eram mais os paraguaios, eram os brasileiros. E está-se vendo esta vergonha: — um escrete, que começou vencendo, já é vítima de uma negação frenética. Há gente torcendo para que ele apanhe de banho na Suécia”. (*idem.*).

Em sua última crônica antes do início da Copa, Rodrigues afirmou que o Brasil não conseguia ganhar a Copa do Mundo pelo “complexo de vira-lata”, expressão que se popularizou. “Por ‘complexo de vira-lata’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima” (*Complexo de vira-latas, Manchete Esportiva, Nelson Rodrigues, 1958*).

“Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: — ‘O Brasil não vai nem se classificar’”, comentou. Ele ainda alegou que essa característica desmoralizante, que ele atribuiu ao povo brasileiro, é um resultado das derrotas nas copas passadas, “o pânico de uma nova e irremediável desilusão”. Entretanto, o cronista não entendia o centro da questão. A campanha de desmoralização do Brasil não era uma criação do povo brasileiro, e sim do movimento golpista e pró-imperialista que buscava derrotar a força do nacionalismo brasileiro. O brasileiro é vítima de uma imprensa venal, que se tornou cada vez mais venal com o passar dos anos e que não desanima nem diante da supremacia comprovada do futebol brasileiro e uma classe média bem-pensante, reprodutora acéfala da campanha caluniosa e desmoralizante contra o futebol nacional. Nessa campanha, não podemos deixar de registrar, entra um componente social muito forte onde os “intelectuais” (ignorantes com diploma e privilégios sociais que morreriam de fome sem esses privilégios) desprezam o trabalhador, o pobre, o moreno, o negro pela sua falta de cultura, que é uma condição criada por eles mesmos e seus privilégios. O elemento bem-pensante de classe média ressentido da sua inferioridade neste que é o maior culto popular brasileiro, o futebol, em particular o futebol arte.

1958: a consagração do futebol arte

Na Copa de 1958, o escolhido para comandar a Seleção foi Vicente Feola, técnico vitorioso no São Paulo Futebol Clube. Novamente, as brigas entre cartolas regionais trabalhavam poderosamente contra o escrete brasileiro. Na imprensa, a cartolagem carioca criticava o comandante da Canarinho, acusando-o de dormir durante as partidas e de não ter controle do elenco. Por sua vez, a imprensa gaúcha pressionava para que o consagrado Nilton Santos, considerado um dos maiores jogadores da época e de todas as épocas, fosse substituído na lateral esquerda por Oreco, jogador do Corinthians e nascido no Rio Grande do Sul.

Sobre o treinador brasileiro, Nelson Rodrigues tece elogios. “Nada o perturba, nada o irrita”, afirma o cronista, alegando que, na preparação do elenco, “não subiu pelas paredes nenhuma vez, não gritou, não xingou a mãe de ninguém” (*O gordo salvador, Manchete Esportiva, Nelson Rodrigues, 1958*). “Faz o que quer, e só o que quer, da maneira mais discreta, insidiosa e, direi mesmo, imperceptível”, continua. “Não se sente a autoridade de Feola que, entretanto, é militante irredutível. Sim, amigos: — não esbraveja, não estrebucha, nem todos percebem que ele é o único que manda, o único que decide” (*idem.*).

Entre os convocados para a Copa, além dos craques Nilton Santos e Didi, do Botafogo, ainda estavam grandes nomes, como Zagallo, Joel e Dida, do Flamengo, Dino Sani e De Sordi, do São Paulo, o goleador Mazzola, do Palmeiras, entre outros. No entanto, pela influência da campanha contra o futebol brasileiro e o negro, jogadores como Pelé, Garrincha, Zito, Vavá e até mesmo o consagrado Djalma Santos foram postos na reserva. Por este motivo, a Seleção Brasileira iniciou com jogadores majoritariamente brancos como titulares, à exceção de Didi, que já era considerado o melhor atleta brasileiro da época, e Dida, que era “mais clarinho” (Nilton Santos, 1998) que o reserva: Pelé.

O primeiro jogo foi contra a Áustria, considerado um “bicho-papão” (Moraes, 2002), pois havia feito boa campanha nas eliminatórias europeias, com 14 gols marcados e três sofridos. Os brasileiros enfrentaram dificuldades, mas um gol de Mazzola, ao final do primeiro tempo, aliviou a situação. No segundo tempo, o atacante e Nilton Santos marcaram mais dois gols. “Jogamos nervosos, mas bem, e merecemos a vitória”, conta Orlando Duarte.

A euforia do primeiro jogo, no entanto, decaiu após o Brasil empatar, em 0 a 0, com a Inglaterra, gerando preocupação na comissão técnica brasileira. Nilton conta que “o ataque brasileiro não era criativo”, apontando que o ponta-direita Joel, tinha “características previsíveis” e não fazia sentido ser titular no lugar de Garrincha; enquanto “Mazzola já estava com a cabeça fora da Copa, já pensava em sua transferência para a Itália” (o jogador tinha acertado sua ida ao Milan). Vavá já havia substituído Dida.

Por isso, às vésperas do jogo contra a União Soviética, Nilton liderou um grupo de jogadores que foram à comissão técnica escalar o que achavam que seria o time ideal. “Tínhamos melhores jogadores na reserva que precisavam entrar daqui para frente, se quiséssemos ser campeões mundiais. Citamos três nomes em especial: Garrincha, Zito e Pelé”, conta o lateral esquerdo, apelidado de “A Enciclopédia do Futebol”. Feola decidiu, então, alterar a escalação titular. Zito entrou no lugar de Dino, Pelé no lugar de Mazzola e Garrincha no lugar de Joel. Como lembra Aspis, “no decorrer do certame, cinco reservas assumiriam o lugar dos titulares e se transformariam nos salvadores da pátria. Destes, três figurariam na Seleção da Copa: Djalma Santos [que jogou apenas a final], Garrincha e Pelé; outro, Vavá, foi nosso goleador; o quinto, Zito, o estabilizador do time”.

A libertação de Mané Garrincha

O jogo contra a União Soviética foi histórico. Um dos mais importantes de todas as Copas. A melhor dupla da história do futebol, Pelé e Garrincha, finalmente estreou e encantou o mundo com a arte do futebol brasileiro, enfrentando o futebol “científico” dos soviéticos. A União Soviética aparecia como favorita para conquistar a Copa do Mundo. Havia sido campeã olímpica em 1956 e previsões apontavam para a sua vitória na Suécia.

Podendo ser eliminado caso não ganhasse o jogo, o Brasil iniciou incisivamente a partida, protagonizando o que ficaria conhecido como “os três minutos mais incríveis da história do futebol”, segundo o jornalista francês Gabriel Hablot. “Um início arrasador, com Garrincha dando show. Em poucos minutos, depois de uma bola na trave, gol de Vavá. No segundo tempo, outro gol de Vavá. Brasil 2 a 0, deixando espantados a todos com seu futebol de arte e eficiência”, conta Orlando Duarte. Nelson Rodrigues afirma que “a desintegração da defesa russa começou exatamente quando Garrincha tocou na bola” (*Descoberta de Garrincha, Manchete Esportiva, Nelson Rodrigues, 1958*). O escritor aponta que Mané “tomou conta da cidade, do Brasil, e, mais do que isso, da Europa”.

“Creiam amigos, o jogo do Brasil vs. Rússia acabou nos três minutos iniciais. Insisto: nos primeiros três minutos da batalha, já o ‘seu’ Manuel, já o Garrincha, tinha derrotado a colossal Rússia, com a Sibéria e tudo mais. E notem: bastava ao Brasil um empate. Mas o meu personagem não acredita em empate e se disparou pelo campo adversário, como um tiro. Foi driblando um, driblando outro e consta inclusive que, na sua penetração fantástica, driblou até as barbas de Rasputin [...] Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha a subverter as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? Como apalpar o impalpável? [...] Foi para o público internacional uma experiência inédita. Realmente, jamais se viu, num jogo de tamanha responsabilidade, um time, ou melhor, um jogador, começar a partida com um baile” (*idem.*).

Considerado um “peladeiro” no início de carreira, por “driblar excessivamente” — um reflexo da campanha contra o futebol nacional — Garrincha rebateu seus críticos do melhor jeito: em campo. O jornalista Maneco Muller conta que, na partida contra a URSS, “com aqueles dribles, Mané libertou o jogador brasileiro de todos os seus complexos e, sobretudo, do domínio pernicioso do ‘cartola’, que queria ensiná-lo a jogar futebol” (*O Velho e a Bola, Maneco Muller, 2013*).

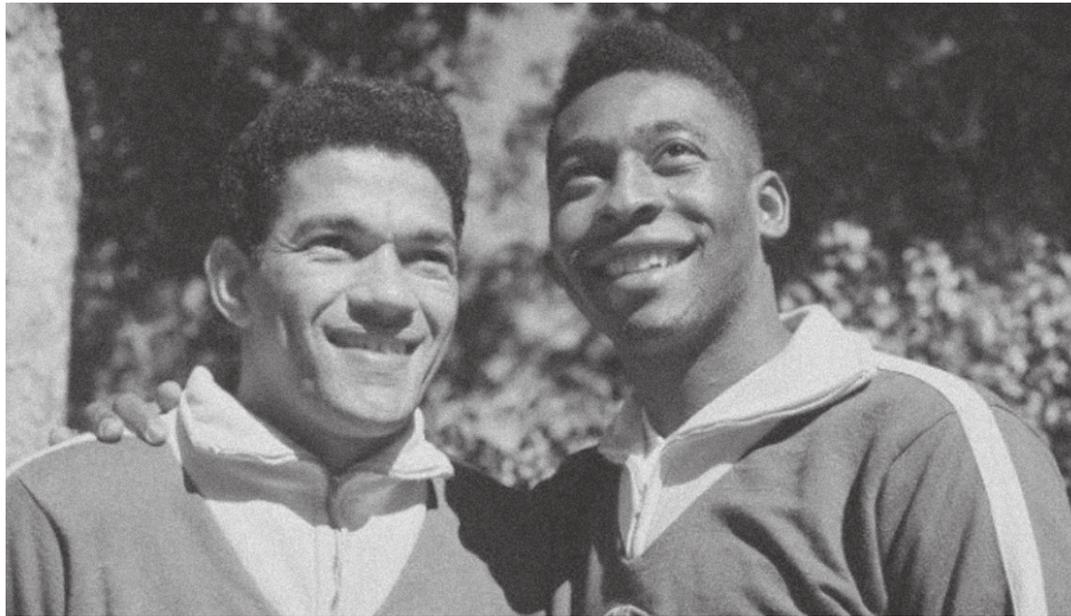
Abrão Aspis lembra que o psicólogo da Seleção, João Carvalhaes, “tinha opiniões exóticas” e apontava que “Garrincha era mentalmente incapaz e teria de ser descartado [...] Felizmente a comissão técnica ignorou os presságios e conselhos de psicólogo”. “O contra-indicado Garrincha destruiu a defesa russa, as colunas vertebrais dos zagueiros e as previsões dos computadores. Era um endiabrado, e nos levou à vitória por 2 a 0”, comenta. O jornalista ainda lembra que os — até então — reservas “foram os artífices da nossa vitória”. Garrincha foi, nesse sentido, o oposto do jogador brasileiro, não porque fosse mais culto, mas justamente pelo oposto, pela sua profunda ingenuidade e inocência, que não alcançava ver superioridade no adversário, que considerava como os seus companheiros de pelada em Pau Grande no Rio de Janeiro, como o atestam as suas famosas tiradas à la Sancho Pança como a de perguntar a Feola que explicava o esquema de jogo contra o selecionado soviético se as jogadas haviam sido combinadas com os russos. Foi uma grande decepção para os russos, que enviaram um observador para os treinos brasileiros e, antes do início da partida, estavam satisfeitos, pois o Brasil entraria em campo com quatro reservas. Não contavam que estes eram, na verdade, melhores que os titulares iniciais.

O rei Pelé

Nas quartas-de-final, o Brasil disputou contra o País de Gales, que se fechou no setor defensivo, apavorado com a atuação brasileira frente aos russos. A Seleção venceu por 1 a 0, com gol de Pelé, que tinha apenas 17 anos. Novamente, o escrete nacional tornou-se alvo da imprensa golpista e antinacional. O próprio ex-craque Leônidas da Silva, por exemplo, agora comentarista de rádio, chegou a afirmar que “Pelé devia ser barrado!”. No geral, falava-se que os brasileiros haviam jogado mal, ignorando a retransmissão completa da seleção galesa.

Ao contrário do que afirmava a imprensa, o jovem de 17 anos foi visto como salvador da pátria, terminando com a agonia do povo brasileiro durante o jogo, que estava “morrendo ao pé do rádio” (*Morrendo ao pé do rádio, Manchete Esportiva, Nelson Rodrigues, 1958*). “Nunca, em nossa passagem terrena, conhecemos uma euforia assim brutal. Foi um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional. E pergunto: como esquecer que foi Pelé, um garoto de cor, dos seus dezessete anos, quem nos arrancou, ontem, de nossa agonia e de nossa morte?” (*idem.*)

Chegou, então, nas semifinais, o jogo contra a França, time que contava com o melhor ataque da competição. Os europeus eram apontados como os novos favoritos e, pela boa fase, o governo francês fez levar para a Suécia as



Os dois maiores gênios do esporte operário consagraram o futebol arte e o Brasil

mulheres dos jogadores para assistir à partida. Não contavam, no entanto, que Pelé e a Seleção Brasileira iriam apresentar um espetáculo majestoso, batendo-os por 5 a 2.

O jornal francês *L'Équipe* escreveu à época: “A honra que a equipe francesa havia guardado desde o início de sua campanha sueca foi valentemente defendida ontem. Não há censura. Os brasileiros eram mais fortes — eis tudo. Garrincha, indolente, felino, inspirado, os jogadores brasileiros pareceram ter vindo de outro planeta, com suas leis próprias, inacessíveis aos pobres mortais do futebol que éramos nós, ontem. Não esqueceremos tão cedo os Garrincha, Didi, Pelé e Zagallo e podemos escrever, no nosso cartão de visita, o dia e a hora em que nos enfrentamos na semifinal do Campeonato Mundial: era um presente dos deuses”.

Um outro órgão francês, destacado por Maneco Muller em “O Velho e a Bola”, afirmou sobre o esquema tático brasileiro: “Os dianteiros aparecem, durante a partida, em todas as posições da linha atacante, como também na média e, inclusive, na zaga. O mesmo acontece com os médios e até com os zagueiros. Nilton Santos já é o autor de um gol nesse campeonato e ontem ameaçou o arco francês em repetidas ocasiões”. Os brasileiros inventavam o chamado “futebol total”, que se atribui falsamente à Seleção Holandesa de 1974.

Dos cinco gols brasileiros, três foram marcados pelo garoto Pelé. O primeiro tempo foi acirrado, terminando 2 a 1 para o Brasil, mas “o segundo tempo nem teve graça”, afirma Muller. “O menino Pelé estava com o diabo no corpo. Os franceses corriam em bandos de três e quatro para marcar Garrincha, e surgia o ‘saci’ de 18 anos [na verdade, 17], que fez três gols, um dos quais, verdadeiramente maravilhoso”, continua.

A redenção de uma nação

Passando pelos franceses, os brasileiros disputaram a final contra o time da casa, a Suécia, que sediava a Copa. Os suecos abriram o placar logo no início da partida, no quarto minuto inicial, para o desespero do torcedor brasileiro, que acreditava em um novo fracasso da Seleção. O jornal *O Cruzeiro*, que esteve na Suécia para cobrir a competição, conta que “esse gol de quatro minutos foi para nós como um fantasma de 16 de julho [Maracanã, quando o Uruguai foi campeão sobre o Brasil em 1950]. Parecia que a sombra do Maracanã se havia projetado sobre Estocolmo”.

O órgão afirma que os suecos haviam montado uma “verdadeira muralha de sete homens” na defesa, dificultando a penetração das linhas adversárias e, portanto, “o jeito era por cobertura”. “Os artilheiros entravam pelo flanco, recebiam os lançamentos da retaguarda e cercavam as linhas de defesa do adversário. Tudo completado com o trabalho de desbravador de Garrincha, que fazia guerra psicológica apequenando o inimigo até minar-lhe todas as reservas de energia”, disse *O Cruzeiro*.

Assim, saiu o gol de empate, marcado por Vavá no oitavo minuto. “Aquele gol [da Suécia], aos quatro minutos do início da partida, teria, em outros tempos, destruído o sistema nervoso de um selecionado brasileiro. [...] Garrincha começa seu carnaval particular. Dois *corners* [escanteios] seguidos. Zagallo cobra na medida para Didi, que dá rápido para Garrincha. Dribla um, dribla dois, dribla três, chega ao fim do campo e chuta para trás. Vavá sabe o ponto certo por onde passa a bola de Mané. São oito minutos e o jogo está empatado”, afirma Muller.

Depois, continua o jornalista, “começou uma das maiores exibições jamais vistas num campo europeu”. “Nilton anulava completamente o mais perigoso homem do time adversário. E tranquilo passava a ir para a frente. Djalma fazia uma das maiores partidas de toda a sua carreira. Pelé chutava na trave. Didi dava passes incríveis, comandava a orquestra. Zagallo armava, chutava em gol e ainda tinha tempo para salvar de cabeça uma bola que ia entrando no nosso. Bellini [capitão do time] estufava o peito e dava ordens.

Zito parecia querer comer a bola e todo mundo. Vavá deixava os adversários malucos e Mané pedia três e quatro para saciar os seus dribles impossíveis. Vem outro gol igualzinho ao primeiro: o mesmo Garrincha, passando para o mesmo Vavá. E termina o tempo”.

No segundo tempo, continua o espetáculo brasileiro. Pelé, até hoje o jogador mais jovem a marcar na final de uma Copa do Mundo, faz um dos gols mais bonitos da história das copas. Recebe um cruzamento de Nilton, mata no peito e, sem deixar a bola cair, dá um “chapéu” no gigante zagueiro Gustavsson, marcando o terceiro brasileiro. Pouco depois, Zagallo aumenta, balançando as redes suecas pela quarta vez. Os suecos até tentam reagir e marcam o segundo deles, mas Pelé faz outro gol, no último lance da partida, e o jogo acaba: 5 a 2 e o Brasil é campeão do mundo pela primeira vez. A “zica” acabou. O jovem Pelé, aos prantos, pula no colo de Nilton Santos e não para de chorar. Os jogadores e a comissão técnica vão à loucura. O massagista Mário Américo passa atrás do juiz, rouba a bola e sai correndo para o vestiário. “Até a bola, agora, era nossa”, lembra Muller.

No Brasil, o povo vai à loucura pelo título inédito. A festa toma conta do país. Os jogadores, na volta, são recepcionados como heróis. Primeiro, em Recife, e, depois, no Rio de Janeiro, então capital brasileira. Segundo Abrão Aspis foi um “retorno dos mais festivos”. “O país parou para homenagear a nossa equipe. Com oito anos de atraso, conquistamos o reconhecimento mundial, e a lembrança maldita de 1950 foi parcialmente esquecida”, afirma. “Desde então, dois nomes passaram a ser reverenciados por todos os cidadãos do mundo: Garrincha, do Botafogo, no esplendor da forma aos 25 anos, e Pelé, 17 anos, jogador do Santos, que recém iniciava”, continua.

Nilton Santos (1998) conta que “dentro do estádio e nas ruas por onde passamos, um fato impressionou: toda a cidade de Estocolmo rendia homenagem aos campeões do mundo, lenços brancos eram acenados. Era o reconhecimento do mundo ao belo futebol apresentado pela Seleção Brasileira”. “Dessa vez, voltamos triunfantes e vitoriosos. O Brasil inteiro chorou, gritou, pulou e dançou. Extravasou o grito preso no peito por vinte e oito anos. Éramos campeões do mundo, pela primeira vez e para sempre”, relata.

O futebol brasileiro havia finalmente vencido, iniciando um processo que o tornaria a maior força do futebol mundial. A ideia do brasileiro “fracassado”, incentivado pela imprensa golpista contra o movimento nacionalista da época, foi refutada em campo. O futebol arte, do negro, do mestiço e do operário do Brasil, se afirmava pela primeira vez para nunca mais sair do topo do mundo.

Como conta Nilton Santos (1998) foi um título “conquistado na técnica e na raça”. “Dribles magníficos e desconcertantes de Garrincha, a genialidade de Pelé, a precisão nos pés de Didi, a garra do ‘Leão da Copa’ — Vavá, o discernimento da Comissão Técnica, a união de todos, cada vez maior, vitória após vitória, até êxito total”, destaca.

João Havelange, uma nova etapa

A Copa na Suécia foi a primeira de João Havelange, futuro presidente da FIFA, como presidente da CBD. Ele colocou Paulo Machado de Carvalho como chefe da delegação brasileira. Segundo Aspis, Havelange buscou dar “uma estrutura séria e responsável ao futebol”, enquanto Paulo, um “pragmático empresário de São Paulo”, “estabeleceu um plano que contemplava os mínimos detalhes, desde horário de viagens e sessões de treinamentos, menus das refeições, até prévios exames médicos e dentários dos atletas”.

Sobre o empresário paulista, que ficou conhecido como ‘Marechal da Vitória’, Nilton Santos comenta ser um “homem pequeno, mas só no tamanho, porque na capacidade de organização era um gigante [...] Graças a essa organização, fomos campeões mundiais”. Por isso, anos mais tarde, um dos estádios mais importantes do País, o Pacaembu, seria oficializado como Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, em sua homenagem.

Também pela primeira vez um preparador físico, Paulo Amaral, acompanharia a Seleção, assim como um dentista, Mário Trigo, e o psicólogo João Carvalhaes.

A conquista da Copa de 1958 mostrava, portanto, um amadurecimento do futebol nacional, no sentido de estrutura e organização e da extraordinária qualidade dos atletas. Exemplo disso é a organização e a criação da Taça Brasil, um primeiro campeonato nacional entre clubes. Estreado um ano após a Copa, em 1959, seu primeiro vencedor foi o Bahia.

1962: maior força do futebol mundial

Na Copa de 1962, no Chile, João Havelange decidiu manter a mesma comissão técnica, sob o comando de Paulo Machado de Carvalho. A única grande alteração foi a substituição do técnico Feola, que estava doente, por Aimoré Moreira. Entre os jogadores convocados, a base da equipe campeã do mundo na copa anterior. “A lista da convocação saiu, e, novamente, foi muito criticada pela imprensa. Eles questionavam tudo”, conta Nilton Santos. O lateral esquerdo foi um dos principais alvos das críticas, pois estava com 37 anos, numa época em que a condição física dos atletas era muito inferior à dos jogadores atuais.

Mário Moraes informa que os jornalistas brasileiros “achavam que alguns campeões de 58 haviam passado da idade para enfrentar um campeonato tão cansativo como aquele. O mais visado era Djalma Santos, mas Didi também entrava na lista, bem como Nilton Santos”. “O que aqueles cronistas descrentes não haviam levado em conta é que a nossa seleção tocava de ouvido. Os onze, fossem quais fossem, se conheciam bastante e sabiam como atuar em conjunto”, continua.

Nilton, no entanto, afirma que “a Comissão não se intimidou com as críticas e ouviu sua própria voz, provando, depois, que estava certa”. “Convocaram, basicamente, o mesmo grupo da Suécia. No time-base, fizeram, inicialmente, alterações somente na defesa: Gilmar, Djalma Santos, saiu Bellini e entrou Mauro — deram uma chance a ele, Bellini jogou em 1958 e Mauro jogaria essa — saiu Orlando, que estava jogando na Argentina, entrando Zózimo, e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo”, lembra o lateral. Para completar, segundo ele, a delegação de 1962 estava ainda mais organizada que a de 1958.

O primeiro jogo era contra o México. O “grande chefe” Paulo Machado de Carvalho tomou a palavra nos vestiários e se dirigiu aos jogadores antes do início da partida: “Não quero máscaras, mas vocês sabem mais do que eu que temos o melhor futebol do mundo. Somos melhores que os outros. Já sabem como ganhar um campeonato mundial, já ganharam um. Então, viemos aqui para ganhar novamente. Vamos prá cabeça, jogar para ganhar, com o futebol que vocês sabem. Se fizerem isso, seremos bicampeões mundiais”. O ‘Marechal da Vitória’ estava certo. No entanto, o percurso de 1962 não foi fácil.

Os brasileiros venceram o primeiro jogo por 2 a 0, contra os mexicanos, gols de Zagallo e Pelé. Porém, com a nova dupla de zagueiros (Mauro e Zózimo, reservas em 1958), a linha defensiva brasileira apresentou falhas. E, nesse momento, Nilton Santos mostrou o porquê de seu apelido ser “Enciclopédia do Futebol”. O lateral, jogador mais velho dos convocados — contestado pela imprensa por isso — ajudou o time com a ajuda de Didi. “Os dois craques fizeram um plano defensivo para corrigir os desentendimentos perigosos entre Zózimo e Mauro, que isoladamente eram ótimos, mas, juntos, não se casavam. E tudo isso porque não houvera tempo para treinar longamente”, conta Maneco Muller. Entre outros aspectos, Zagallo deveria voltar do ataque para defender as laterais, enquanto Nilton ajudava Mauro e Zózimo. Desta forma, o ponta-esquerda teve uma função inovadora no esquema tático de futebol. Além de atacante, era também marcador nas laterais — algo que se atribui falsamente, hoje em dia, ao tal “futebol moderno” dos europeus.

O técnico Aimoré não se preocupava com esses problemas. “Que importa, se temos o Rei Pelé?”, dizia. Todavia, no jogo seguinte, contra a Iugoslávia, mais uma dificuldade para o selecionado brasileiro: Pelé se lesiona durante a partida e é incapaz de jogar, está fora da Copa. A disputa terminou 0 a 0 e a Copa havia terminado para o Rei. De acordo com Nelson Rodrigues, o Brasil foi tomado por “luto”, “dor”, “era o velório da distensão”, “todo o Brasil chora e todo o Brasil vela a distensão de Pelé” (*Um horizonte de cifras*, *O Globo*, Nelson Rodrigues, 1962). O substituto de Pelé seria o jovem Amarildo, que jogava no Botafogo ao lado de Nilton Santos, Didi, Zagallo e Garrincha — todos titulares da Seleção. E era um ótimo jogador. “Hoje o brasileiro autêntico há de ter duas reações obrigatórias: luto porque Pelé saiu, euforia porque o Amarildo vai entrar”, afirmou o escritor, que apelidou o jovem do Botafogo de “O Possesso”.

A copa de Garrincha

No terceiro jogo, contra a Espanha, mais um desastre. Na seleção espanhola, de Ferenc Puskás (que havia saído do Honved em 1956, após a ocupação soviética na Hungria, para jogar no Real Madrid), abriu o placar no primeiro tempo. O Brasil estava ameaçado de não se classificar para as finais. No entanto, Amarildo — que após o jogo chegou a ser chamado de “o novo Pelé” (*O Possesso*, *O Globo*, Nelson Rodrigues, 1962) — mudou o placar com dois gols ao final da partida. Os brasileiros venceram, por 2 a 1, a disputa. Segundo Nilton Santos, o jogo estava “nervoso” e “Garrincha resolveu jogar por ele e pelo Pelé”. “Estava endiabrado e em, duas jogadas dele, dois gols de Amarildo. Era o início da conquista”, afirma.

Nelson Rodrigues diz que, “no segundo gol, Mané deu uns dez salames dionisíacos. Comeu com aquele apetite imortal toda a defesa inimiga [...] No fim, não havia mais ninguém para driblar, ninguém. E Mané, que no fogo mais infernal tudo vê e tudo sabe, passa para Amarildo. Mas não foi um passe qualquer [...] Estava lá Amarildo, o possesso Amarildo, o rútilo epilético. E então ele enfiou a sua cabeçada imortal. Aquilo era o Brasil”.

As declarações mostram bem a importância que Garrincha assumiu no mundial de 1962. Sem Pelé, o ponta-direita chamou a si a responsabilidade e fez uma das melhores atuações da história das copas. Segundo Abrão

Aspis, o “herói” da conquista brasileira na Copa do Chile foi Garrincha. “Jogou por si e pelo ausente Pelé; fez gol de cabeça, de canhota, de fora da área, de tiro livre. Jogou na ponta, no meio, atrás”, conta o jornalista.

Nas quartas-de-final, contra a Inglaterra, os brasileiros venceram os ingleses por 3 a 1, com dois gols de Garrincha e um de Vavá. Neste jogo, os atletas brasileiros instigaram o ponta brasileiro a driblar os ingleses, alegando que um dos defensores da seleção adversária o havia menosprezado. Segundo Nilton, “Garrincha ficou endiabrado. Dribles e mais dribles no time todo da Inglaterra. Dizem que o Aimoré ficou desorientado no banco quando via o Mané correr por todo o campo a driblar todo mundo. Pedia para ele voltar para a ponta [...] Ele não ouvia, continuava a fazer seu carnaval. Marcou até gol de cabeça nesse jogo. Vavá fez um gol, sobra da bola de um chute violento do Mané em cima do goleiro. Depois, com um passe de Amarildo, encerrou o placar”. Ao final do jogo, o técnico inglês Walter Winterbottom afirmou: “Preparamos, durante quatro anos, a nossa Seleção para jogar com jogadores de futebol normais, não esperávamos encontrar um jogador como esse Garrincha, esse rapaz é de outro planeta”. O jogo contra a Inglaterra é uma das mais fantásticas partidas de futebol de todos os tempos. O selecionado brasileiro encurrala os ingleses no seu campo de defesa, não conseguem praticamente passar do meio de campo e o time brasileiro passa a bola para Garrincha que seguidamente tenta driblar a defesa cercada por quatro ou cinco jogadores e que finalmente abre caminho para os três gols brasileiros. Os ingleses nunca esqueceriam dessa partida, do futebol brasileiro ou de Mané Garrincha.

Nas semifinais, a Seleção venceu o time da casa, o Chile, por 4 a 2, com dois gols de Garrincha e dois de Vavá, diante de 77 mil torcedores. Os brasileiros tiveram de enfrentar toda uma nação. Como conta Nelson Rodrigues, “todo o Chile se levantou contra nós. A imprensa, o rádio, a TV, o homem de rua, as crianças — quiseram triturar emocionalmente a ‘seleção de ouro’. Nunca se fez um massacre psicológico tão feroz contra alguém. O futebol passou para o plano secundário. O objetivo único foi, repito, a liquidação psicológica dos craques brasileiros” (*O Eichmann do apito*, *O Globo*, Nelson Rodrigues, 1962).

No entanto, a Seleção não se acovardou. Os chilenos, após vencerem os soviéticos, eram apontados como favoritos para conquistar a Copa, mas Garrincha acabou com os adversários. “O Mané, com suas pernas tortas e fulgurantes, com seu olho rútilo e também torto, pôs os Andes de gatinhas, ou de cócoras, sei lá. Quando ele enfiou um gol e depois outro, isso aqui foi, como diria um orador da gafeira, foi uma pátria constelada de garrinchas”, afirmou Nelson Rodrigues. Neste jogo, diante da pressão chilena, a arbitragem expulsou o craque brasileiro, que, cansado de apanhar, como todos os grandes jogadores brasileiros, revidou um pontapé no chileno Rojas. Ainda, ao sair de campo, levou uma pedrada na cabeça. Segundo o escritor, os árbitros roubaram contra o Brasil e Garrincha se transformou em “mártir” no Brasil.

No entanto, Garrincha foi absolvido pelo tribunal da FIFA, podendo disputar a final contra a Checoslováquia. Provavelmente devido à agressão que sofreu, entrou em campo com “uma forte gripe e bem indisposto” (Nilton Santos, 1998). Os checos, que não sabiam disso, “escalaram três jogadores para marcar o Mané. Mesmo assim, ele os enfileirou e provocou êxtase na torcida. No segundo tempo, toda a torcida chilena já estava ao nosso lado” (*idem*).

Novamente, assim como na final de 1958, os adversários começaram abrindo o marcador. Amarildo, porém, precisou de apenas dois minutos para empatar. Depois, no segundo tempo, Zito e Vavá marcaram e o Brasil ganhou a final por 3 a 1. O Brasil era bicampeão. “Acabava ali mais uma Copa, essa vencida com certeza pelos dribles do Garrincha”, afirma Nilton Santos. Garrincha foi eleito o melhor jogador da Copa, e ainda foi o artilheiro (ao lado de Vavá), o que mais deu assistências e dribles no torneio.

O futebol brasileiro, tão criticado após as derrotas de 1950 e 1954, se consolidava como a maior força do futebol mundial. Além disso, do ponto de vista político, foi uma vitória do movimento nacionalista contra a direita golpista, que tramava nesta época contra o presidente João Goulart — dois anos antes do golpe militar de 1964 — e, assim, buscava sabotar a Canarinha

A partir da conquista do bicampeonato, a Seleção Brasileira torna-se incontível. Mas seria necessário ainda passar pelo purgatório da terrível Copa de 1966.

(Continua na próxima edição)